INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA – INPA
FUNDAÇÃO VITÓRIA AMAZÔNICA - FVA
CENTRO DE ESTUDOS INTEGRADOS DA BIODIVERSIDADE AMAZÔNICA – CENBAM

RELATÓRIO DO CURSO DE ECOLOGIA DE CAMPO DA UNIVERSIDADE DE SALFORD (SALFORD TROPICAL FIELD CURSO)

ORGANIZADOR: Dr. JEAN PHILLIPE BOUBLI

PALESTRANTES:
Msc. RAMIRO DÁRIO MELINSKI;
Dr. STEPHEN MARTIN;
Dra. CHIARA BENVENUTO;
Dr. MARIO COHN-HAFT;
Dr. FRANCISCO PONTUAL

RESERVA FLORESTAL ADOLPHO DUCKE
ÁREAS DE CONSERVAÇÃO DO BAIXO RIO NEGRO

Curso de Ecologia de Campo da Universidade de Salford 2019

Aconteceu entre os dias 14 e 26 de janeiro de 2019 mais uma edição do Curso de Ecologia de Campo da Universidade de Salford (Salford Tropical Field Course). O curso, liderado pelo Professor Jean Philippe Boubli, fruto de uma parceria entre a Universidade de Salford, localizada em Manchester, na Inglaterra, a Fundação Vitória Amazônica (FVA) e o Centro de Estudos Integrados da Biodiversidade Amazônica (CENBAM), é destinado a alunos de graduação da universidade britânica provenientes de três cursos distintos (*Wildlife Conservation with Zoo Biology*, *Wildlife and Practical Conservation* e *Zoology*) e este ano contou com a presença de 21 estudantes. Toda a parte prática do curso é feita em bioma amazônico, tendo como ponto de partida a cidade de Manaus, deixando apenas a elaboração de relatórios e avaliação para conclusão em terras britânicas. Pelo terceiro ano consecutivo, o CENBAM foi representando pelo ornitólogo Ramiro Dário Melinski, mestre em Ecologia pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e atual bolsista do Centro. Além de Ramiro e o Dr. Jean Boubli, renomado ecólogo e primatólogo, o curso contou com participações de grandes pesquisadores das ciências naturais como Dr. Stephen Martin (entomologia), Dra. Chiara Benvenuto (zoologia, ictiologia), Dr. Mario Cohn-Haft (ornitologia, curador da Coleção de Aves do INPA) e Dr. Francisco Pontual (ecologia e populações tradicionais).

Antes do início oficial do curso os alunos de Salford tiverem a oportunidade de conhecer as instalações do INPA, principalmente o setor de coleções biológicas, onde foram recebidos por especialistas que apresentaram as coleções de aves, mamíferos e peixes, além de uma visita ao Projeto Mamíferos Aquáticos da Amazônia, coordenado pela Dra. Vera da Silva, onde puderam ver de perto indivíduos de peixe-boi-da-amazônia (*Trichechus inunguis*), mamífero aquático endêmico do bioma amazônico. Após essa visita os estudantes se dirigiram para o Museu da Amazônia (MUSA, http://museudaamazonia.org.br/pt/), onde fizeram uma trilha interpretativa guiada por funcionários do museu e subiram na torre de 42 metros de altura, podendo assim observar a floresta acima de seu dossel.

Figura 1: Coleção de aves do INPA (Foto: Emily-Rose Bridle).
Figura 2: Projeto Mamíferos Aquáticos da Amazônia (Foto: Amy Evans).

Figura 3: Torre do MUSA (Foto: Sarah Gartland).
Figura 4: Vista da Torre do Musa (Foto: Kathryn Beeston).

A primeira etapa do curso se deu na Reserva Floresta Adolpho Ducke, onde os alunos permaneceram até a manhã do dia 20. Durante este período foram separados em quatro grupos a fim de realizar atividades de campo distintas em cada dia, através de um sistema de rotatividade. As atividade previam o uso do sistema RAPELD (Magnusson et al. 2005) de monitoramento da biodiversidade e contemplaram os seguintes grupos: peixes (Dra. Chiara Benvenuto), invertebrados (Dr. Stephen Martin), árvores (Dr. Jean Boubli) e aves (MSc. Ramiro Melinski). Quanto à atividade de aves, ministrada pelo bolsista de CENBAM, os alunos foram instruídos segundo o Protocolo para levantamento de aves de sub-bosque pelo método de captura com redes de neblina em módulos RAPELD do PPBio-CENBAM (Bueno et al. 2014) e receberam aulas práticas sobre métodos básicos de identificação e

manipulação de aves. Ao término da primeira fase, os grupos tiverem de elaborar seminários sobre as atividades desenvolvidas durante sua estadia na Reserva, cada grupo sendo responsável por um dos grupos taxonômicos amostrados.

Figura 5: Arapaçu-de-bico-vermelho/ Red-billed Woodcreeper (*Hylexetastes perrotii*) capturado durante amostragem de aves de sub-bosque (Foto: Ramiro Dário Melinski).

Figura 6 e 7: Amostragem de peixes (Foto: Polly Bolton).

A segunda etapa do curso aconteceu no Rio Negro, após deslocamento até o município de Novo Airão, onde todos embarcaram para uma semana de passeio por diversos ambientes amazônicos. Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer os

ecossistemas de areia branca (campinas e campinaranas), machas de ambiente aberto em meio à terra firme, navegar com as voadeiras através da floresta inundada pelas águas negras (igapó) e ver a diferença destas com a água branca vinda do Rio Solimões no Encontro das Águas, sempre acompanhados pelas explicações ecológicas dos especialistas. Eles puderam participar intensivamente em atividades relacionadas à biodiversidade amazônica como a focagem de animais noturnos, a observação de aves durante quase todo o período, com destaque para o *lek* de rabo-de-arame/Wire-tailed Manakin (*Pipra filicauda*) no Parque Nacional de Anavilhanas, visita às Grutas do Madadá, e nadar com o boto-cor-de-rosa/Red Dolphin (*Inia geoffrensis*).

Foto 8: Aula em área de campina do Rio Cuieiras (Foto: Ramiro Dário Melinski).
Foto 9: Passeio de voadeiras no Rio Ariaú (Foto: Ramiro Dário Melinski).

Figura 10: Periquitabóia/ Emerald Tree Boa (*Corallus caninus*) avistada durante focagem noturna (Foto: Ramiro Dário Melinski).
Figura 11: Macho de rabo-de-arame/ Wire-tailed Manakin (*Pipra filicauda*) no Parque Nacional de Anavilhanas (Foto: Ramiro Dário Melinski).

Figura 12: Boto-cor-de-rosa/ Red Dolphin (*Inia geoffrensis*) próximo ao Rio Cuieiras (Foto: Jenna Levin).

Outra aspecto muito interessante da segunda etapa do curso foram as visitas voltadas para questões históricas e culturais associadas ao trajeto feito no Rio Negro, incluindo: comunidade ribeirinha Boa Esperança, onde os alunos puderam ter contato com os comunitários e até participaram de uma partida de futebol com os mesmos; comunidade indígena Tatuyo, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, onde foram apresentados à cultura indígena desta etnia e seus principais ritos; os petróglifos do Rio Negro que, segundo estimativas, foram feitos há mais de 8.000 anos por paleopopulações amazônicas; e as ruínas de Velho Airão, onde outrora houve uma grande cidade e hoje é habitada por apenas um homem, Shigeru Nakayama, que mantém viva sua história.

Figura 13: Comunidade Boa Esperança (Foto: Amy Evans).
Figura 14: Performance de ritual indígena na Comunidade Tatuyo (Foto: Amy Evans).

Foto 15: Petróglifo (Foto: Ramiro Dário Melinski)
Foto 16: Sr. Nakayama e as ruínas de Velho Airão (Foto: Kathryn Beeston).

Novamente, o curso mostrou-se muito efetivo em apresentar ao alunos estrangeiros uma pequena, porém importante e representativa, porção do complexo mosaico de características culturais e naturais da Amazônia Central e, como geralmente acontece, todos eles voltam para seus lares apaixonados pela maior floresta tropical do planeta e ansiosos por uma nova oportunidade de voltar.

Foto 17: Alunos do curso na Reserva Florestal Adolpho Ducke (Foto: Amy Evans).